



ESTÁDIO DE FUTEBOL: “ÂNCORA” SOCIAL DO PAÍS DO FUTEBOL?

Mariana de Souza Lacerda

Fernanda Cota Trindade

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Período: 9º

Área de Pesquisa: Arquitetura Esportiva

Resumo: No Brasil, a cultura do futebol está presente na sociedade desde a década de 1920, sendo utilizado algumas vezes como instrumento de entretenimento para ocultar problemas sociais e políticos. O esporte ganhou mais adeptos durante a Era Vargas, período que houve as primeiras construções de estádios no país. Entretanto com o passar dos anos e a participação em eventos esportivos internacionais, o número de estádios aumentou consideravelmente, refletindo em construções gigantescas no meio das cidades. Comumente quando um país é escolhido para sediar um megaevento esportivo é necessário que ele se prepare para receber o evento, transformando suas cidades para se adequarem aos padrões exigidos pelos organizadores, padrões esses que na maioria das vezes não refletem a real necessidade daquele local. O objetivo deste presente artigo é discutir os impactos dos megaeventos esportivos nas cidades com foco no Brasil, identificando como eles influenciaram nas dinâmicas urbanas e sociais nas cidades-sede. A metodologia utilizada se caracteriza como aplicada, qualitativa e exploratória, buscando levantamento de dados através de livros, pesquisas bibliográficas e artigos publicados, além da realização de estudo de caso entre as cidades de Barcelona-ESP, cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 1992, e Manaus-AM, uma das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014. Por meio desse estudo foi possível constatar que a cidade de Barcelona obteve êxito na execução dos projetos necessários para a realização do megaevento, conseguindo conciliar as reais necessidades da cidade com as exigências dos organizadores. Já Manaus se encontrava em péssimas condições para sediar um evento de tamanha magnitude, refletindo em obras superfaturadas que hoje se encontram em situação de abandono. Por fim, foi possível observar que o Brasil não estava preparado para receber um megaevento como a Copa do Mundo, sendo necessário um replanejamento para reinserir as estruturas advindas do evento na sociedade atual.

Palavras-chave: Infraestrutura Urbana. Copa do Mundo. Futebol. Megaevento.

1. INTRODUÇÃO

Cereto (2003) afirma que a importância dos estádios na sociedade brasileira é representada pela quantidade de estádios espalhados pelo país, significando na cultura brasileira a grandiosidade de uma região, de um estado ou de um clube. Além disso, ele declara que os estádios públicos começaram a ser construídos na Era Vargas, período de governo de Getúlio Vargas na presidência do Brasil, entre os anos de 1930 e 1945, marcando o processo de modernização capitalista no país. Somado a isso, o avanço causado pelo rádio na década de 20 ajudou a impulsionar o esporte brasileiro.

De quatro em quatro anos a Federação Internacional de Futebol (FIFA) escolhe um país para sediar os eventos da Copa do Mundo. Depois de ser aceito, o país deve então se adaptar às inúmeras exigências feitas pela instituição. Em 2014 o Brasil recebeu os jogos da Copa do Mundo de futebol, resultando em inúmeras transformações nas cidades que iriam sediar os jogos. Com isso as necessidades dos moradores das cidades foram deixadas de lado em prol de preparar a cidade para sediar o evento nos padrões FIFA.

Se passaram 7 anos desde o evento e a maior parte do legado que foi deixado para a população brasileira foram os assim chamados “elefantes brancos”, que segundo Gonçalves (2013), cumprem um papel relevante no bojo das incessantes e muitas vezes insanas construções e transformações realizadas no espaço urbano. São 12 estádios no total que passaram por reformas ou foram construídos para a Copa do Mundo, que além de terem tido um gasto maior que o esperado, ainda dão prejuízos pois a manutenção tem alto custo.

Segundo Cereto (2003), no Brasil, os estádios tem todo um simbolismo e importância como as igrejas tiveram na Idade Média, atraindo turistas do mundo inteiro para conhecer suas dependências. Esse turismo esportivo tem grande importância para a economia da região que acontecem os eventos. Esses lugares atraem não só pessoas que vão praticar esportes, mas também para assisti-los. Para atender tal necessidade são implementadas estruturas esportivas e urbanas para o uso durante o evento e também para comunidade local como legado. Isso estimula um convívio social e transforma as competições esportivas em causas de sociabilidade.

Em oposição ao citado anteriormente, Gonçalves (2013) afirma que a produção das cidades como cenário se dá no processo de precificação do espaço urbano em um novo estágio. É necessário entender que eventos como a Copa do Mundo são um pretexto para aumentar a segregação urbana no país. Além desse fato, o autor destaca a falta de estrutura urbana voltada para o transporte público que atenda todas as regiões das cidades-sede desses jogos, onde as obras voltadas para o transporte público foram destinadas a atender as demandas desse evento, o que não necessariamente condiz com as necessidades da cidade e de locomoção diária de sua população.

O objetivo geral do presente artigo é discutir os impactos dos megaeventos esportivos nas cidades com foco no Brasil, identificando como eles influenciaram nas dinâmicas urbanas e sociais nos locais que foram inseridos. Para isso tem-se como objetivos específicos estudar a importância cultural do futebol no Brasil; conhecer o histórico de construção dos estádios no Brasil; analisar os impactos da construção de grandes estruturas esportivas nas cidades; e analisar de modo

comparativo exemplos de intervenções para eventos esportivos nacional e internacional.

2.DESENVOLVIMENTO

2.1. A cultura do futebol no Brasil

Representar os valores de uma cultura através da arquitetura não é uma característica do mundo contemporâneo, desde da antiguidade, desenhos eram feitos nas paredes das cavernas para ilustrar o seu comportamento. De acordo com Cereto (2003), com o passar do tempo esses desenhos foram substituídos por construções monumentais que se tornaram símbolos das culturas e das cidades que os abrigavam. Essas edificações representavam suas crenças, tradições e também o poder militar, econômico e político. Dentre essas edificações, podemos citar o Coliseu Romano, local de grandes disputas que serviam de entretenimento para os espectadores.

No Brasil pode-se dizer que os estádios de futebol são o exemplo de edificação que representa a cultura do país e sua importância. Rinaldi (2000) afirma que, o futebol enquanto fenômeno social sempre esteve muito presente na vida da sociedade brasileira, assim como outros elementos culturais populares - carnaval, arte, religião, música e outros. A prática de assistir aos jogos de futebol ou até mesmo praticar funcionava como uma válvula de escape para tirar a atenção das pessoas das coisas sérias, como economia, política e trabalho. De acordo com Da Matta (1982) o futebol no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se e descobre-se.

Segundo Cereto (2003), os primeiros estádios públicos começaram a ser construídos na Era Vargas, entre os anos de 1930 a 1945. A partir da segunda metade do século XX, o futebol assentou-se como um importante ramo na indústria do entretenimento no Brasil e assim sendo, refletiu a necessidade de construir novos estádios, mais eficientes e com um espaço maior para atender o número de torcedores.

Com o crescimento no interesse pelo futebol e a incompatibilidade de assentos nos estádios para atender todos os torcedores, tornou-se necessário a transmissão dos jogos pelas emissoras de rádios. Segundo Negreiros (1997) o desenvolvimento da rádio e da imprensa escrita permitiu que o futebol chegasse a lugares mais distantes, passando a fazer parte do cotidiano das pessoas. Cereto (2003) já dizia que na década de 20 o rádio ajudou a espalhar o esporte pelo país, mas apenas na década de 30 que ele se consolidou, não só como elemento de informação, mas também de entretenimento e propaganda. De acordo com Franzini, (1998, p.4) “ao contrário de acompanhar o tom solene e formal imperante da rádio fusão comum da época, os locutores buscavam uma linguagem cotidiana, do homem comum, do “amigo ouvinte”.

Em 1930 é disputada a primeira Copa do Mundo no Uruguai, e das 13 seleções participantes, o Brasil era uma delas. Segundo Rinaldi (2000), isso não chamou tanta atenção da imprensa e dos torcedores brasileiros, pois naquela época os campeonatos interestaduais eram mais importantes. Porém em 1938 a situação mudou, a nação juntou-se com os jogadores da seleção para enfrentar os adversários na França. Segundo Negreiros (1997, p.215),

Simbolicamente, reforçou-se a ideia de que aquela não era uma simples disputa esportiva e, sim uma provação com intuito de mostrar a força do Brasil, do seu povo, a partir do futebol. De diversas maneiras, com a forte colaboração da crônica esportiva foi responsabilizado pelo desempenho dos atletas do Brasil. Esse momento de afirmação da nacionalidade foi um sucesso, apesar da derrota para a seleção Italiana. Enfim, o destino do país encontra-se nos pés de um time de futebol, como nas mãos de cada brasileiro. Enfim, o futebol reforçou a ideia que mostravam a necessidade da construção social.

O futebol na cultura brasileira, como foi relatado anteriormente, assumiu um papel que vai além da modalidade esportiva, sendo um fenômeno social. Na Copa do Mundo de 1970 tem-se o exemplo do futebol como fins políticos ideológicos durante a ditadura militar no Brasil como forma de governo. Segundo Ramos (1984), o então presidente Médici foi considerado o torcedor número um da seleção brasileira e passou a ser um frequentador dos jogos. Além de frequentar os eventos esportivos, ele também dava opiniões sobre futebol e procurava impô-las dentro da seleção. Os jogos da Copa de 1970 aconteceram no México e foram transmitidos para o Brasil. Ainda segundo o autor, o número de televisores aumentou sensivelmente, chegando em 600 milhões de telespectadores do mundo todo durante os jogos da copa.

Nessa Copa o Brasil conquistou o tricampeonato mundial de futebol. Segundo Rinaldi (2000), a euforia nacional é gigantesca, milhares e milhares de pessoas recepcionaram a chegada da seleção brasileira em solo brasileiro. Esse fato colaborou para mascarar a cara mais cruel do governo militar.

Até hoje os estádios de futebol são considerados marcos importantes para a sociedade brasileira. Apesar de todo seu lado empolgante e atrativo, atualmente a mídia tem um papel relevante dentro do esporte através do seu poder de alcance e influência, sendo utilizado como uma forma ideológica, transparecendo ideias e valores como aconteceu na Copa da década de 70. Nesse sentido, pode-se verificar que o futebol expressa a sociedade, pois o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo.

2.2. Construção dos primeiros estádios de futebol nas cidades brasileiras

De acordo com o Cadastro Nacional de Estádios de Futebol (CNEF) feito pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2016, o Brasil dispõe de 790 estádios espalhados por todo território nacional, sendo eles: sudeste 32,7%; nordeste 30,4%, sul 18,6%; centro-oeste 10,6%; norte 7,7% (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2016).

O primeiro estádio construído no Brasil foi o Estádio Laranjeiras, localizado no Rio de Janeiro. De acordo com Cereto (2003) a construção do estádio iniciou-se em outubro de 1902, tendo apenas uma arquibancada de madeira e o gramado. O autor afirma que naquela época o modelo de estádio que foi construído era “modelo ferradura”. Esse modelo lembrava os estádios gregos, onde essa abertura proporciona um diálogo com o entorno da polis grega, estabelecendo uma continuidade espacial, no entanto, ao contrário desses, esse formato ferradura nos estádios brasileiros estaria mais relacionado com questões financeiras para fechamento do anel, do que uma proposta de integração a cidade.

Nos anos 20 já era possível notar a paixão da população brasileira pelo esporte e também a necessidade de estádios que comportassem a crescente

demanda. Cereto (2003) comenta que os estádios naquela época eram precários, sem nenhum tipo de preocupação com o conforto dos usuários e com a qualidade arquitetônica. Não existia uma preocupação em fazer projetos, os estádios eram construídos de forma espontânea de acordo com o programa de financiamento. Pelo fato dos campos serem na sua maioria particulares, sua única fonte de renda eram as mensalidades dos sócios, arrecadação dos jogos, e os torcedores, que levavam o saco de cimento de casa para erguer o estádio. Cabia então ao município ou ao governo do estado a construção de um estádio para abrigar a grande quantidade de torcedores que só crescia naquela época. Sevcenko (1992, *apud* Cereto, 2003, p. 58-59), retrata esse crescimento do número de torcedores:

A assistência de ontem ao jogo Palestra X Paulistano no Parque Antártica bateu, cremos, o recorde das lutas esportivas em São Paulo. Cerca de 40 mil pessoas acorreram à grande praça de esportes do Palestra. Desde as doze horas começou o transporte de sócios e partidários dos dois clubes e de pessoas que iam simplesmente apreciar a luta, ver decidir, praticamente, a colocação dos dois mais bem cotados candidatos ao campeonato da cidade [...] As arquibancadas e as gerais, como cercas ao redor do campo, ficaram cheíssimas - é o termo. Nas árvores, mais do que na outra vez, no domingo anterior, instalaram-se numerosos espectadores, vergando-lhes os ramos ao peso da estranha carga. Na cobertura das arquibancadas, sobre as telhas de zinco escaldante, havia tanta gente, que os felizardos que estavam mais ou menos sentados ou em pé, ao abrigo do sol e da chuva, receavam que lhes caísse aquele pedaço de céu velho [...].

De acordo com Cereto (2003), a imprensa esportiva da capital paulista exigia por parte do poder público uma solução para esse impasse. Porém a responsabilidade de bancar a construção do estádio era um grande problema, pois nenhum clube ou todos eles juntos conseguiriam bancar a obra. Sevcenko (1992, *apud* Cereto, 2003, p.59) afirmava, “ficara clara a necessidade premente de um grande estádio municipal para os jogos decisivos”. Segundo o autor, nos anos 20 e no auge do processo de metropolização da cidade de São Paulo, o poder público não tinha, ainda, muito interesse nas práticas esportivas. Eles afirmavam que a cidade necessitava de uma série de intervenções mais importantes do que um estádio, e além disso a responsabilidade deveria ser assumida pelos organizadores de jogos de futebol e a iniciativa privada.

Cereto (2003) afirma que a situação só mudou depois que o prefeito de São Paulo Washington Luís assumiu a responsabilidade para a construção de um estádio municipal. Foi criado um selo cujo produto reverteria para a construção do mesmo. Segundo o autor, um terreno de 50.000 m² localizado no Vale do Pacaembu foi doado para o estado e repassado para a prefeitura de São Paulo. O projeto foi feito e entregue a prefeitura pelo Engenheiro Domício Pacheco e Silva, que aproveitou o recorte do vale para instalação das arquibancadas (Figura 1). Apesar do entusiasmo dos torcedores e as doações, de acordo com Centro de Memória do Estádio do Pacaembu (s/d *apud* Cereto, 2003), o terreno não era suficiente, os gastos eram maiores que o esperado e o poder público não tinha interesse nenhum no projeto.

FIGURA 1 - Vista aérea do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho - 1950



Fonte: Museu do Futebol - 1950

Somente no final dos anos 30 que a construção do estádio tomou um novo rumo. Preocupados com o lazer e qualidade de vida da população paulistana, junto a ideia da construção de um estádio não ser ruim, o projeto original foi revisto e algumas alterações foram feitas, como a incorporação de grandes praças de lazer, concha acústica, ginásio de esportes para 4 mil espectadores, uma quadra de tênis, um ginásio de tênis com 900 poltronas e uma piscina olímpica. Após todas as mudanças, em 27 de abril de 1940 que o estádio é inaugurado (CERETO, 2013). Segundo Negreiro (1998) para inauguração do estádio foi programado uma grande manifestação, um espetáculo, para associar à imponência de São Paulo, do Brasil e da América.

Com o crescimento do futebol pelo país aliado aos planos do Estado Novo em construir o maior complexo esportivo da América do Sul, o país em 1938 candidatou-se para sediar a Copa do Mundo de 1950. Segundo Cereto (2003), com o objetivo de receber uma competição de tamanha importância e atendendo as incessantes manifestações dos jornalistas para a criação de um estádio municipal (nessa época já estava sendo finalizado o estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho), o presidente Getúlio Vargas cria o Conselho Nacional de Desportos e mais tarde lança o concurso para a escolha do projeto para o estádio.

O terreno escolhido para ser construído o complexo esportivo tinha uma área de 195.600m² e se localizava na Avenida Castelo Branco, na cidade do Rio de Janeiro, onde a estação de trem existente foi decisiva para a escolha do terreno, pois devido a boa rede de transporte daquela época a população menos favorecida seria atendida (CERETO, 2003). De acordo com Vieira (2000) o formato do estádio seria fechado com característica de uma falsa elipse. O perfil das arquibancadas seriam uma parábola para que os torcedores pudessem ter uma ampla visão do campo. O complexo esportivo do Maracanã contempla além do estádio, o parque aquático Júlio de Lamare, o estádio de atletismo Célia de Barros e o ginásio poliesportivo Gilberto Cardoso (Figura 2). De acordo com a Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Rio de Janeiro, as obras iniciaram em 1947 após a Segunda Guerra Mundial e foi inaugurado em 1950.

FIGURA 2 - Vista aérea do complexo esportivo antes da reforma para Copa do Mundo de 2014



Fonte: Vieira, 2000.

Depois de 64 anos entre a primeira Copa do Mundo de futebol no Brasil, em 2014 o país volta a ser palco desse evento esportivo. O "boom" de estádios sendo construídos e reformados antes de 2014 levou a diversas alterações no espaço urbano nas cidades-sede. Ao contrário de 1950, agora seriam doze estádios, em doze cidades diferentes espalhadas por todo território nacional.

Dos seis estádios que foram usados na Copa de 1950, apenas o Maracanã voltou a ser utilizado para os jogos de 2014. Segundo Oliveira *et al.* (2015), o Novo Maracanã como tem sido chamado, foi totalmente reformulado, ficando com capacidade para 79 mil espectadores. Entre suas principais modificações, estão a implantação de uma cobertura de membrana tensionada, a reconstrução total das arquibancadas, o aumento da área de camarotes e áreas "vips" e a separação do público em um número maior de setores. Ainda de acordo com os autores, os vestiários, salas de imprensa, banheiros, lanchonetes e o gramado passaram por modificações. O resultado dessas alterações refletiu no preço do ingresso e a mudança radical no perfil do público que passou a frequentar o estádio.

É possível observar que grande parte dos estádios de futebol no Brasil estão localizados na região sudeste do país, refletindo o desenvolvimento da década de 20 e 30 com o surgimento dos primeiros estádios. Ocorreu um grande avanço entre os primeiros estádios construídos com os atuais, a preocupação com a estrutura, conforto e também com o meio onde está inserido. O Brasil já foi palco dos jogos da Copa do Mundo em 1950 e em 2014, e, apesar do de 2014 ter sido maior, os seis estádios que sediaram os jogos da década de 50 passaram por reformas e dois deles foram construídos naquela época (Maracanã no Rio de Janeiro e o Independência em Belo Horizonte). Já na Copa de 2014, doze estádios dentre reformados e construídos, buscaram atender às exigências da FIFA, além das reformas no sistema urbano e viário. O número de estádios para os jogos da Copa duplicou comparado com os da década de 50, e a preparação das cidades para

receber o evento esportivo acirrou os problemas existentes e também criou diversas adversidades no meio urbano, viário, econômico e social.

2.3. Impacto das estruturas esportivas da Copa do Mundo de 2014 nas cidades brasileiras

Os megaeventos esportivos, especialmente a Copa do Mundo de futebol, geram fortes impactos socioespaciais e nas políticas urbanas nas cidades-sede. A designação das doze cidades-sede para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil estabeleceu uma série de intervenções urbanas para que o evento pudesse ocorrer. De acordo com Gonçalves (2013) essa transformação foi destinada à realização de um único evento, fazendo com que a cidade seja produzida para, neste caso, atender as demandas dos turistas, da FIFA e seus patrocinadores.

De acordo com Soares (2003), a construção ou reforma dos novos estádios e as grandes obras de mobilidade urbana desempenharam um papel de catalisadores da reestruturação do espaço urbano. Entretanto, essa expansão urbana não representou um movimento de redistribuição da infraestrutura e dos equipamentos urbanos para toda cidade, nem a criação de políticas habitacionais para famílias de baixa renda. Pelo contrário, é possível notar como houve um processo de "elitização" dos espaços aos arredores dos estádios e a expulsão dos mais vulneráveis para locais periféricos. Como resultado obteve-se cidades divididas e com espaços públicos cada vez mais normatizados e privatizados. Prosseguindo com o autor, o cenário da sociedade nas vésperas da Copa se caracterizava por intensas lutas urbanas questionando o modelo de cidade que estava sendo implantado. Eles buscavam uma cidade mais justa e democrática, na qual a sua produção não se dê apenas visando à acumulação de capital, mas à qualidade de vida da população.

Essas novas obras de infraestrutura urbana e construção de estádios, abriram um novo ciclo para a valorização do solo urbano nas cidades-sede. De acordo com Soares (2013, p.199), "A reestruturação urbana, se proporcionada pelos megaeventos, realiza-se em três frentes: a criação de novas centralidades; a de reforço de centralidade já existente e a de "revitalização" de centralidades decadentes". Ainda de acordo com o autor, muitos estádios e instalações esportivas atraem novas estruturas, convertendo-se em novas centralidades. O entorno dessas regiões começa a ser palco de investimentos imobiliários, aproveitando as novas estruturas de transporte público e privado. O autor afirma que esses investimentos imobiliários não se caracterizam como de "alto padrão", porém ao serem destinados a setores de renda média, auxiliam na "colonização" das novas periferias, onde essa revitalização de centralidades decadentes é vista pelo mercado imobiliário como "reservas de valor" para futuros investimentos urbanos, visando o atual preço e o preço futuro pós-revitalização.

Prosseguindo com Soares (2013), as obras de infraestrutura urbana nas cidades-sede da Copa do Mundo de 2014, encaixaram-se como estratégia de Estado para acelerar o processo de desenvolvimento das cidades, com projetos de infraestrutura e programas de "revitalização urbana". Promovendo uma ideia de progresso, desenvolvimento e acesso para todos. No decorrer das grandiosas obras de infraestrutura urbana, expansão de serviço e projetos de revitalização das áreas centrais, vieram à tona os impactos socioespaciais que atingiram as parcelas da população já excluída do direito à cidade. Um dos piores efeitos desses projetos de revitalização e expansão foram as remoções e deslocamentos de moradores que viviam nos setores valorizados pelas obras. Isso mostra de forma violenta como o

capitalismo se impõe no espaço urbano para vender uma imagem de cenário ideal. Gonçalves (2003) relata que a Copa é um pretexto para o maior projeto de segregação urbana em curso no país, provavelmente um dos maiores da história do Brasil.

Comparando a primeira edição da Copa do Mundo no Brasil com a segunda, percebe-se que na segunda o país adotou um modelo de integração ao cobrir todas as regiões do país para sediar os jogos (Figura 3).

FIGURA 3 - Cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 no Brasil



Fonte: FIFA s/d

De acordo com Soares (2013), o megaevento Copa do Mundo é considerado pela maioria dos gestores públicos uma janela de oportunidades para a cidade-sede. Estas podem se destacar como destinos turísticos e também aproveitar a exposição na mídia mundial, atraindo novos negócios, empresas e convenções. Segundo o autor supracitado, à primeira vista, a presença de cidades-sede em todas as regiões do país aponta ao menos uma intenção em distribuir os benefícios por todo território nacional. Entretanto, em uma observação mais aprofundada, é evidente que a escolha das cidades-sede tem como critério a capacidade de cada cidade em comportar o megaevento.

Segundo Mascarenhas (2015), cidades-sede como Natal, Manaus, Brasília e Cuiabá, não tem clubes de futebol disputando grandes campeonatos nacionais, deixando os estádios construídos sem garantia futura de sustentabilidade econômica. Ainda segundo o autor, grande parte do investimento feito para deixar como legado se concentrou na mobilidade urbana. De acordo com Rodrigues (2015), a cidade do Rio de Janeiro recebeu o maior investimento, R\$1,8 bilhões, algo em torno de 23,3% dos pouco mais de R\$8 bilhões destinados para investimentos em mobilidade urbana nas doze cidades-sede. O peso desse investimento se deve, em grande parte, à Transcarioca, ação que visou à implantação da infraestrutura para o funcionamento do BRT (*Bus Rapid Transit*). Em segundo lugar vem Cuiabá, cidade que sediou quatro jogos e recebeu investimentos em mobilidade urbana na faixa de R\$1,7 bilhões, sendo boa parte destinada à implantação do VLT (Veículo leve sobre trilhos).

Segundo Castro e Novais (2015), para a realização da Copa do Mundo no Brasil de 2014, foram projetados diversos tipos de intervenções urbanas. Na Matriz

de Responsabilidades, firmada entre o Governo Federal brasileiro, a FIFA e as doze cidades-sede, foram apresentados diversos tipos de projeto de mobilidade urbana, segurança pública, turismo e reforma/construção de estádios de futebol. Porém, as intervenções em habitação não estiveram diretamente presentes. Cidades como Cuiabá, Brasília, Salvador e Fortaleza foram alguns exemplos de locais onde os investimentos ocorreram em áreas centrais, turísticas ou próximas a bairros nobres. Ainda de acordo com o autor, em Manaus os investimentos também foram voltados para áreas centrais, porém algumas obras no centro histórico da cidade passaram por reformas, tais como a revitalização de praças, prédios e pontos históricos.

As remoções e desapropriações pelo poder público municipal e estadual fizeram parte do projeto de desenvolvimento e valorização das áreas de intervenção. De acordo com Castro e Novais (2015), essas ocorrências resultaram na contribuição de assentamentos irregulares e periferação da população de baixa renda. Na cidade de Belo Horizonte o caso mais emblemático, segundo os autores, foi a remoção da Vila do Recanto UFMG. A comunidade vivia em frente ao campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais e a menos de 1 km da Arena Mineirão, possuindo cerca de 70 famílias que foram removidas para dar lugar ao viaduto José de Alencar. Os moradores, que haviam ocupado a área desde 1995, não tiveram acesso ao direito do usucapião coletivo reconhecido. Entretanto, uma empresa do setor imobiliário que havia entrado duas vezes com pedido de reintegração de posse da área, foi beneficiada com a indenização mesmo sem apresentar a posse do terreno. Em Fortaleza, aproximadamente 5 mil pessoas foram removidas de suas terras para a construção do VLT. De acordo com os autores, esse número não foi maior devido aos processos de resistência, que fez com que o governo modificasse o projeto em alguns trechos. Apesar dessas mudanças, as famílias que ainda vivem no local sofrem com a precariedade habitacional e a informalidade urbana, pois não foram contempladas com obras de urbanização ou projetos de regularização fundiária.

É possível constatar que as cidades-sede sofreram impactos que o megaevento proporciona, pois por meio dele toda uma política urbana rigorosa toma conta do tecido urbano, visando lucro apenas para aqueles que vão se beneficiar com o “legado” pós evento. O aumento do valor da terra, melhorias nos arredores dos estádios e ampliações na infraestrutura viária, fez com que diversas famílias fossem despejadas de suas casas, e por falta de transparência e comunicação por parte do governo, várias ficaram sem apoio financeiro. O resultado dessas ações reflete até hoje, com uma sociedade segregada. O investimento em mobilidade urbana foi o carro-chefe dos projetos de revitalização em diversas cidades-sede, onde a criação dos VLT's e BRT's despertou a ideia de ter um transporte público de qualidade e seguro para todos. No entanto, na prática, somente as rotas que levam até os estádios foram ampliadas ou passaram por melhorias, atendendo apenas o público de turistas e a pequena parcela dos moradores que vivem naquela região.

Os gastos públicos foram gigantescos, e o tão desejado legado não passou de um mito. O que sobrou foram vários “elefantes brancos”, espalhados por todas as regiões do país, desempenhando o papel de propaganda das cidades-sede pela mídia mundial.

2.4. Metodologia

A presente pesquisa se caracteriza como aplicada, com objetivo de construir conhecimentos a respeito dos impactos gerados pela implantação de grandes

estruturas esportivas nas cidades-sede brasileiras selecionadas para a Copa. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, será realizado por pesquisa qualitativa, observando os dados indutivamente. A pesquisa também se caracteriza como do tipo exploratória, buscando um levantamento de dados através de livros, pesquisas bibliográficas e artigos publicados sobre a cultura do futebol no Brasil, a construção dos primeiros estádios no país e os impactos da Copa do Mundo de 2014 nas cidades-sede.

Considerando o assunto e sua dimensão, optou-se pelo estudo de caso comparativo, possibilitando a análise de dois megaeventos e como eles afetaram o meio urbano. Foram selecionados os Jogos Olímpicos de Barcelona/ESP em 1992 e a implantação da Arena da Amazônia na cidade de Manaus para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Assim, a partir deles, observar os impactos que o evento trouxe para a sociedade, economia local e o meio urbano nas cidades-sede.

2.5. Discussão de Resultados

Antes de iniciar a análise, é necessário entender o que é megaevento e legado. Segundo Da Costa e Miragaya (2008, *apud* Marcellino, 2013, p. 9), os megaeventos são eventos de curta duração, porém, de preparação longa e por vezes intermitente, sempre operando escala de milhões de participantes. De acordo com Marcellino (2013), a palavra legado é usada constantemente como o que se deixa em benefício de outrem, conforme a língua portuguesa. Ainda segundo o autor, quando examinados os legados de megaeventos, ou seja, seus resultados, a tendência maior é considerar os benefícios, seus aspectos positivos. Em resumo, os megaeventos apresentam uma abordagem tão complexa e grandiosa que não podem mais ser consideradas apenas uma questão do âmbito esportivo ou relacionadas ao evento em si. Os impactos econômicos, urbanos e sociais citados anteriormente, servem de amostra de como esse tipo de produção vem se transformando em uma teia multidisciplinar.

Segundo Ribeiro (2008), na esfera econômica o momento de legado refere-se à capacidade da cidade e da economia regional seguir seu crescente caminho após o imediato e natural decréscimo da atividade econômica ao término dos jogos. De acordo com o autor, são três fatores que influenciam no resultado. O primeiro é que os jogos devem complementar um plano pré-existente de regeneração que envolve novas fases após o evento. O segundo, é que o conhecimento adquirido durante o planejamento e gerenciamento do evento não pode ser disperso após seu término, ao contrário, deve ser utilizado para promover novas inovações dentro do tecido urbano. E por fim, projetos mal elaborados vão refletir em futuros projetos de desenvolvimento urbano.

2.5.1 Análise dos impactos da infraestrutura dos Jogos Olímpicos de Barcelona – Espanha

De acordo com Mascarenhas (2008), os Jogos Olímpicos (J.O.) de Barcelona em 1992 mantêm-se como uma experiência paradigmática na história do urbanismo olímpico, pois atuaram como poderosa alavanca para o desenvolvimento urbano. O governo local investiu vultosas quantias e implementou diversos projetos urbanísticos de grande magnitude, construindo um verdadeiro marco na evolução urbana. Por ter sediado um megaevento, sua imagem foi projetada mundialmente, proporcionando efeitos de curto e longo prazo.

Segundo Araújo *et al* (2012), a cidade de Barcelona já tinha se candidatado para ser sede dos J.O. em 1924, contudo essa chance foi fracassada. Tello (1993) afirma que a cidade conquistou em 1986, o direito de sediar os J.O. de 1992, e já existia há pelo menos quatro anos no setor de gestão urbanística do município, uma equipe organizadora para pensar os espaços Olímpicos. Assim, entre 1988 e 1990 a idealização do planejamento estratégico para Barcelona foi o principal artifício para a edificação de uma consonância de métodos, que pudessem trazer à cidade as modificações econômicas e urbanas que eram idealizadas (COMPANS, 2004). A partir dessa conquista, surge a segunda modernidade de Barcelona, tendo como a primeira a reforma urbana de Plano de Cerdá (JAUHIAINEN, 1994). De acordo com Mascarenhas (2008), a perspectiva de realização da Olimpíada mudou completamente a tônica e o alcance da gestão urbana: mudanças estruturais de grande impacto e novas centralidades no âmbito metropolitano. Ainda segundo o autor, os jogos proporcionaram uma grande concentração de recursos públicos e privados, sendo investidos na infraestrutura urbana da cidade. O projeto Olímpico não privilegiou apenas o evento em si, mas a cidade como um todo. Segundo Carreras e Tello (1998, *apud* Mascarenhas, 2008, p.190-191), sete foram os eixos mestres do projeto Olímpico, permitindo a realização de amplas melhorias urbanas na cidade:

- 1) A revitalização do centro histórico, descompactando sua trama medieval, abrindo espaço público e refuncionando inúmeros edifícios;
- 2) A recuperação da zona costeira, fachada da cidade, re-inserindo-a na vida social urbana, através do incentivo ao uso residencial e da implantação de atrativos turísticos e de lazer;
- 3) Alteração no uso do solo, gerando parques urbanos, novas centralidades e monumentalidades na periferia, e recuperação/refuncionalização de equipamentos obsoletos, como fábricas fechadas, terminais ferroviários sub-utilizados etc;
- 4) O impacto das novas tecnologias, sobretudo no âmbito das comunicações, expandido a rede de fibra ótica e as possibilidades de uso da telefonia móvel, mas também na formatação de incubadoras de empresas;
- 5) A melhoria na infraestrutura de acesso, construindo túneis,anel viário, ampliação da rede de metrô (rumo à periferia), enquanto na área central se multiplicaram as vias de uso exclusivo pedestre;
- 6) Implantação de grandes equipamentos urbanos em toda a área metropolitana, voltados para o esporte, a arte e a cultura em geral, além da expansão fundamental da rede de esgoto;
- 7) A ênfase nas políticas sociais, embora sem contornar satisfatoriamente os déficits de moradia e a questão da segurança pública.

De acordo com o urbanista Millet (1996), desde do final dos anos 1970, havia uma preocupação com o fato de historicamente a cidade de Barcelona ter concentrado todo seu poder e investimento público na zona oeste, um local mais nobre, perto de aeroportos e balneários famosos, diferente da zona leste, operária e industrial, carente de infraestrutura, criando uma cidade desigual. O autor ainda afirma que:

[...] ocorreram pressões enormes para situar os grandes conjuntos olímpicos perto do aeroporto, uma área de nova colonização [...] Foi, digamos, realmente um exercício democrático o de não cedermos a estas pressões [...] a operação de Barcelona foi de reconquista da cidade, uma operação de renovação urbana.(MILLET, 1996, *apud* Mascarenhas, 2008, p. 191)

Segundo Mascarenhas (2008), em vez de realizar a clássica construção de um grande parque Olímpico, a cidade optou pela descentralização, criando parques menores espalhados pela cidade. Sendo assim, evitou a criação de instalações superdimensionadas condenadas à condição de elefante branco após o término dos jogos. Truñó (1996) afirma que instalações específicas, como o ginásio de basquetebol, o de hóquei e o estádio de beisebol, foram implantados em pequenas cidades vizinhas, entre elas as regiões da Catalunha, Valência e Aragão, locais carentes deste tipo de equipamento. O autor ainda afirma que, dos 43 equipamentos utilizados durante o evento, apenas 15 foram construídos para os jogos, reduzindo assim o custo do evento. De acordo com Lima Junior (2010), a proposta inicial era de pequenas intervenções, as quais seriam pontuais, onde a partir dos bairros se recuperaria o tecido urbano. Assim, o projeto tomou grandes proporções, cedendo lugar a amplas intervenções urbanísticas, direcionando para um projeto de grande abrangência da cidade.

De acordo com Muxi (2010), os investimentos para os J.O. significaram uma ótima circunstância para amplos projetos de infraestrutura, entre eles a estação de tratamento de água, nova base de eletricidade e novos sistemas de esgoto, que sem essa oportunidade, delongariam muito tempo para serem concretizados. O autor ainda afirma que, apesar de serem menos visíveis, são indispensáveis para o desenvolvimento de outros planos como: acomodações desportivas, a reconquista e concepção de praias e passeios marítimos, as avenidas perimetrais, entre outros. Proni *et al* (2008) afirma que, os projetos fundamentais em termo estrutural na cidade foram: a edificação do anel rodoviário, o qual era o caminho principal para explorar a circunferência da cidade; a abertura para o mar, com a constituição da Vila Olímpica; e a criação das zonas Olímpicas e de diversos novos centros (Figura 4).

FIGURA 4 - Barcelona/Espanha em 1986 e depois das intervenções em 1992



Fonte: Prefeitura de Niterói, 2013

Segundo Iglesias (2010), o advento dos J.O. transformou totalmente a orla marítima da cidade, passando a ser uma das principais atrações, possuindo calçadões e vastas praias que foram reconquistadas (Figura 5). A cidade conseguiu concretizar transformações não apenas nas estruturas urbanas, mas também quanto aos seus aspectos econômicos e turísticos. O autor continua dizendo que não foram apenas as praias que se destacaram, o porto se constituiu como um centro esportivo e de lazer, com ancoradouros, bares, shoppings, restaurantes e principalmente, uma

nova área turística. Barcelona restabeleceu, redescobriu e apoderou-se do seu bem, uma vez que a cidade possuía mar e não usufruía (ANDRADE E RUSCHEL, 2017).

FIGURA 5 - Antes e depois da revitalização da Orla Marítima de Barcelona/Espanha



Fonte: Portal G1 - Globo Esporte (2016) Foto: J. Trullàs Turisme e Reprodução

De acordo com Zanetti (2005), o evento impulsionou a reestruturação urbana da cidade, tendo seus projetos cuidadosamente preparados e revisados. Os J.O. significaram um divisor de águas positivo para a cidade, pois além do turismo a cidade conseguiu se reestabelecer quanto aos seus problemas estruturais, aproveitando a oportunidade para melhorias na infraestrutura da cidade, e também a grandes projetos de revitalização de amplas áreas urbanísticas (ANDRADE E RUSCHEL, 2017). Proni *et al* (2008, p.25-26) relata:

Em suma, Barcelona demonstrou não só que os jogos podiam dar lucro para os organizadores, mas que podiam ser utilizados como um catalisador para o crescimento econômico e para a modernização urbana, legitimando investimentos que podem beneficiar o conjunto da população. Além disso, pela natureza dos Jogos Olímpicos, Barcelona conseguiu apagar a falsa imagem de uma cidade provinciana, isolada pelas idiossincrasias da Catalunha, tendo sido capaz de se afirmar diante da opinião pública internacional, assumindo a imagem muito positiva de uma metrópole cosmopolita, contemporânea, aberta à interação de diferentes culturas. E isto não apenas ampliou sua força de atração sobre as grandes empresas (como centro de negócios) como impulsionou seu desenvolvimento no campo do turismo internacional.

Diante disso, os Jogos Olímpicos em Barcelona em 1992, resultaram em um grande prestígio para a cidade, tendo sua imagem repercutida em todo cenário mundial. É evidente que a cidade soube aproveitar a oportunidade que lhe foi dada, conseguindo conciliar os padrões exigidos pelo evento com as reais necessidades da cidade, modificando consideravelmente sua paisagem. Assim sendo, o legado de Barcelona pode ser utilizado até hoje como exemplo aplicável para outras cidades.

2.5.2. Análise dos impactos da Copa do Mundo de 2014 na cidade de Manaus-AM

Percebe-se entre uma Copa do Mundo e outra, que nem sempre os países escolhidos contam com uma infraestrutura adequada para receber um megaevento. De acordo com Andrade (2013), mesmo os países com maiores condições para sediar o evento, ainda dependem de investimentos e melhorias para atender as exigências impostas pela FIFA. A escolha do país sede para os jogos da Copa do Mundo são feitas através de um rodízio de continentes, padrão imposta pela FIFA em 2000. No Brasil os preparativos para a Copa do Mundo começaram em 2006, quando o ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, oficializou junto com a FIFA a candidatura do país para sediar os jogos de 2014 (ANDRADE, 2013).

Em 2007, o ex-presidente da FIFA, Joshep Blatter anunciou que o Brasil seria sede para os jogos da Copa do Mundo de 2014 (PORTAL G1 - GLOBO ESPORTE, 2007). Uma grande expectativa foi lançada em relação ao legado que seria deixado às cidades-sede destes eventos, esperando que os benefícios continuassem mesmo após os acontecimentos dos megaeventos. De acordo com Bernasconi (2013, *apud* Ulian e Costa, 2015, p.24) “[...] olhando para outros países que já sediaram Copas do Mundo, o país comemorou a chegada dos jogos com a esperança de mudanças e melhorias para as cidades que receberão as partidas de futebol.” Segundo Andrade (2013), a confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo, despertou nas cidades brasileiras um interesse em concorrer a uma vaga de cidade-sede para organização de jogos das diferentes seleções participantes. Ainda de acordo com o autor, ao todo dezoito cidades se candidataram: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife/Olinda, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Contudo, de acordo com as normas da FIFA, apenas oito ou dez cidades seriam escolhidas, com a definição de que uma delas seria na região Amazônica e outra no Pantanal.

Em maio de 2009, Manaus foi escolhida como uma das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014. Os manauaras vibraram com a escolha e festejaram a oportunidade de, pela primeira, sediar um evento de tamanha importância (NARZETTI, 2015). Segundo Ribeiro (2015), a cidade de Manaus localiza-se no coração da Floresta Amazônica, no estado do Amazonas, tendo uma grande importância no centro de desenvolvimento regional e de turismo ecológico. O autor afirma que sua economia é baseada em sua Zona Franca, criada no final da década de 1960 para estimular a economia da região a partir de incentivos fiscais para a industrialização. Em função disso, Manaus corresponde a 6º posição no Produto Interno Bruto Nacional (PIB), e fica em 1º lugar no ranking no estado do Amazonas (IBGE, 2018). Apesar desta grande contribuição para a economia do país, a cidade apresenta grandes contrastes sociais.

De acordo com Ribeiro (2015), a escolha de Manaus como cidade-sede está ligada a sua posição estratégica no acesso à Floresta Amazônica, muito conhecida em outros países. Como a Copa do Mundo traz o mote de sustentabilidade, seria necessário a inserção da Floresta Amazônica, também conhecida mundialmente, para o evento. Assim, o autor conclui que a escolha não tem ligação com o potencial esportivo da cidade, econômico ou social.

Segundo Narzetti (2015) boa parte da mídia desenvolveu um discurso agressivo e crítico em relação às ações do governo na preparação para a Copa do Mundo. Manaus se tornou alvo desses ataques, uma vez que existia uma ausência

de tradição futebolística na cidade e a construção do seu estádio, financiada pelo governo do estado, estaria desperdiçando dinheiro público.

Andrade (2013) afirma que para um país ou cidade-sede se candidatar, eles deverão cumprir alguns critérios estabelecidos pela entidade, tais como: mobilidade, transporte, rede de hotelaria, segurança, construção de estádios, centros de treinamento, entre outros equipamentos.

De acordo com Ribeiro (2015), a cidade recebeu quatro jogos da primeira fase da Copa do Mundo de 2014, e apesar deste número de partidas, a cidade não estava preparada para receber adequadamente o número de turistas e torcedores. Era nítido a carência de infraestrutura, saneamento básico, transporte público coletivo, sistema de saúde, entre outros. De acordo com o autor, os investimentos foram focados em atender à realização dos jogos e ilustra o descaso com o tão falado e desejado “legado”, uma vez que a obra principal foi a construção da Arena da Amazônia.

Segundo o Portal da Copa (*apud* Ribeiro, 2014), a Matriz de Responsabilidade é o documento que trata das áreas de infraestrutura prioritárias de investimentos, para que as cidades-sede recebam a Copa do Mundo de 2014. Resumidamente, é um plano estratégico de investimentos e desenvolvimentos. De acordo com Ribeiro (2015), o documento referente à Matriz de Responsabilidade foi assinado em 13 de janeiro de 2010, contendo obras de mobilidade, aeroportuária e de infraestrutura. Com o decorrer do tempo, as obras não iniciaram, atrasaram e foram retiradas da Matriz. Ao comparar os Quadros Matriz 1 e 2 (Anexo 1) observa-se a forte redução de elementos estruturais. A proposta inicial apresentada teria potencial para modificar e reestruturar a cidade de Manaus, mas em função de problemas de gestão pública, a matriz foi reduzida ao mínimo para atender às demandas da FIFA para a realização do megaevento (RIBEIRO, 2015).

Prosseguindo com o autor supracitado, a Arena da Amazônia foi construída com cerca de 44 mil lugares, e assim como todas as demais arenas, ela é multiuso (Figura 6). O discurso para a arena é o mesmo de Brasília, Cuiabá, Natal e outras cidades-sede: arena será palco de shows internacionais, colocando a cidade na rota desses eventos culturais. Mas a questão em torno dessa proposta é: a população terá condições de pagar por esses shows? Segundo Lucas (2014) a Arena foi inaugurada sem estar completamente pronta, mas para atender aos prazos da FIFA e, segundo os organizadores, testar o esquema e operacionalidade da segurança, funcionalidade do estádio, mobilidade do trânsito, transporte público, entre outros.

FIGURA 6 - Arena da Amazônia, 2014



Fonte: Portal G1 - Globo Esporte (2014) Foto: Chico Batata/Agecom.

De acordo com a FIFA (*apud* Ribeiro, 2014), para que a Arena gerasse o lucro esperado, o custo do ingresso para assistir aos jogos era de R\$350,00 o mais caro e R\$60,00 o mais barato. Esses são os valores mais baratos de todo o megaevento, já que a Arena vai receber apenas jogos da primeira fase. Segundo os organizadores, à medida que o evento caminha para o final, o valor do ingresso aumenta.

Segundo Ribeiro (2015), a Copa traria para Manaus sérios problemas com a remoção de famílias para dar lugar às obras do megaevento. Antes de retirarem as obras de mobilidade da Matriz de Responsabilidade, eram estimadas que 900 famílias iriam ser despejadas de suas terras, para implantação do BRT e do VLT. Com a retirada dessas obras de ampliação da Matriz, o processo de remoção foi adiado. Ainda de acordo com o autor, apesar de os projetos de mobilidade terem sido retirados da Matriz em um segundo momento, é importante ressaltar as propostas que foram feitas para a melhoria da circulação na cidade como: implantação de um sistema de corredores exclusivos para ônibus, processo de revitalização da sinalização de ruas, avenidas e pontos históricos. A principal área beneficiada por essas mudanças foi o chamado “Quadrilátero da Copa”, região do entorno da Arena da Amazônia.

O Instituto Piatam (Instituto de Inteligência Socioambiental Estratégica da Amazônia) realizou o Estudo de Impacto Ambiental e Relatório do Impacto no Meio Ambiente (EIA/RIMA) da Arena da Amazônia, referindo-se a região real ou potencialmente atingida pelos impactos indiretos e diretos da implantação e operação do empreendimento, abrangendo os aspectos físicos, bióticos, econômico, urbano e áreas de patrimônio histórico, podendo ser impactada positivamente ou negativamente (RIBEIRO, 2010). De acordo com o estudo realizado no ano de 2010, conclui-se que a implantação de uma megaestrutura que é a Arena da Amazônia, resultaria em uma modificação na paisagem, afetando tanto a paisagem urbana como a flora existente nas proximidades, além de assoreamento de corpos hídricos que cortam boa parte da cidade. Na esfera econômica, haveria um aumento na oferta de trabalho, potencialização do turismo local e a valorização ou desvalorização do imóvel. Nas áreas próximas à Arena, ocorreria um aumento no fluxo de carros e pessoas, sendo necessário a implantação de equipamentos de mobilidade urbana para atender essa demanda.

Prosseguindo com o autor, para reverter esses possíveis problemas, o Instituto Piatam disponibilizou algumas recomendações, destacando-se entre elas; a preservação de coberturas verdes em locais não impactados, criação de um sistema de esgoto sanitário apropriado para a demanda local, construção de sistemas de drenagem pluvial, recuperação de áreas degradadas no entorno, fiscalização de atividades imobiliárias, instalação de abafadores acústicos nas partes ruidosas, intervir no sistema viário e na sua sinalização, manter agentes de trânsito durante os dias de eventos, e em caso de achados arqueológicos, criar um Plano de Educação Patrimonial. Segundo Ribeiro (2010), essas medidas deveriam ser implantadas e monitoradas, de forma a reduzir gastos nos meios físicos, biológicos e antrópico. Além disso, o autor ressalta a importância da Arena obedecer às condições climáticas da cidade.

Uma das circunstâncias para Manaus ser uma das cidades-sedes, era que ela estaria no centro da Floresta Amazônica, e a Copa do Mundo traria consigo um símbolo de sustentabilidade. Entretanto, Ribeiro (2015) ressalta que o discurso de sustentabilidade serviu apenas para mascarar a desconsideração com as leis do país e com o meio ambiente. Em Manaus, diversas obras foram interrompidas por

problemas ambientais e com o patrimônio histórico. Ainda de acordo com o autor, a cidade é cortada por diversos cursos d'água, conhecidos como igarapés, que têm grande importância como indicadores de qualidade ambiental. Mas com as obras para a Copa, a maioria foi poluída ou aterrada por obras de urbanização, mesmo aquelas em Áreas de Preservação Permanente (APP).

A escolha de Manaus para ser cidade-sede poderia ter alavancado uma série de transformações urbanas e sociais, melhorando significativamente a qualidade de vida de sua população. Porém, como aconteceu na maioria das cidades-sede, a má gestão do dinheiro público e do planejamento de obra fez com que diversas oportunidades fossem perdidas. Toda melhoria esperada com os projetos de mobilidade urbana não aconteceu, pois existiram uma série de irregularidades em licitações, ambientais e ações que afetam o patrimônio histórico. A pequena parcela de projetos que foram feitos para o evento, foram realizados apenas nas regiões próximas à Arena, beneficiando apenas os moradores daquela localidade. Atualmente a Arena da Amazônia reflete um espaço ocioso, com alto custo mensal e sem perspectiva futuras, alimentando um elefante branco no meio da Floresta Amazônica.

2.5.3. Análise comparativa dos resultados dos megaeventos nas cidades de Barcelona/ES e Manaus/AM

Quando uma cidade recebe um megaevento, uma expectativa é criada na sociedade a respeito do legado pós evento. Observando os dois estudos de caso analisados anteriormente, é possível observar duas realidades distintas.

Barcelona conseguiu através do megaevento, restaurar boa parte do meio urbano da cidade, através de reformas, pequenas ampliações, recuperação de zonas degradadas e sobretudo mudar o olhar do mundo sob a cidade. Antes mesmo da cidade ser eleita como sede dos Jogos Olímpicos de 1992, já existia um plano de ação para que se um dia isso acontecesse, a cidade saberia como agir. É nítido como isso ajudou e acelerou o processo de urbanização da cidade.

Comparando os Jogos Olímpicos de Barcelona com a Copa do Mundo de futebol no Brasil, é evidente que os Jogos Olímpicos tiveram mais impacto positivo no meio urbano, uma vez que diversos centros esportivos foram criados, além da Vila Olímpica. Nesse local se encontram diversos edifícios com a finalidade de abrigar os atletas e comissão técnica. No caso de Barcelona, para gerar menos impacto, os governantes optaram por descentralizar a Vila Olímpica e também os centros esportivos. Eles foram espalhados por vários pontos da cidade e também para cidades vizinhas, criando novos centros e levando desenvolvimento para locais que antes eram subjugados. Como a cidade iria receber um número muito grande de pessoas, diversas áreas foram recuperadas, sendo o destaque a zona costeira da cidade. Até então todo o litoral da cidade era subutilizado, mas vendo a chance de captar novos turistas e atrair novos investimentos estrangeiros, uma grande reforma aconteceu através de incentivos fiscais e alterações no uso do solo, facilitando a implantação de novos projetos. Barcelona é até hoje um exemplo de cidade que soube utilizar o megaevento ao seu favor, mostrando que a cidade não deve se moldar às necessidades impostas pelo megaevento, mas o megaevento se adequar a realidade da cidade.

Como citado anteriormente nesse artigo, para uma cidade ou país ser sede de um megaevento, é necessário que tenha uma infraestrutura adequada para atender às diversas necessidades impostas pelos organizadores. No caso da cidade de Manaus isso não ocorreu, sua escolha para ser uma das doze cidades-sede da

Copa do Mundo de 2014 aconteceu por influência da FIFA. A organização tinha em mente a ideia de levar ao mundo uma bandeira de Copa Sustentável, uma vez que a cidade de Manaus se localiza no centro da Floresta Amazônica. No entanto, o que chamou e até hoje chama atenção, é que não existe nenhum time de futebol com tamanha expressividade na cidade que justifique a implantação de uma arena com a capacidade de 44 mil pessoas. O governo alegou durante anos que a cidade iria entrar na rota de grandes eventos nacionais e internacionais para que a Arena da Amazônia não se tornasse um elefante branco. Mas depois de 7 anos de Copa do Mundo, o que se encontra é apenas uma mega estrutura esquecida no meio urbano de uma cidade que enfrenta diversos problemas urbanos e sociais.

Em oposição a Barcelona, a cidade de Manaus não tinha nenhum plano pré-existente para agregar aos projetos de desenvolvimento urbano previstos para atender o evento. A ideia do governo era expandir o turismo ecológico da região e mostrar ao mundo a diversidade natural e cultural do país. Por se localizar na região norte do país, a cidade ficou fora da rota dos grandes jogos, recebendo apenas quatro jogos da primeira fase. Além disso, a cidade não conta com uma infraestrutura hoteleira adequada para atender a demanda de turistas, imprensa e jogadores. Na Matriz de Responsabilidade não existe nenhum tipo de projeto que prevê melhorias no sistema de água e esgoto da cidade. Segundo IBGE (2019), cerca de 91,3% da população recebe irregularmente água em suas casas, e 83% não têm seu esgoto coletado (SNIS, 2019). Esses dados só refletem uma cidade desigual, que não estava preparada para receber um evento de tamanha magnitude. Projetos voltados para sistema de água, esgoto e rede elétrica, apesar de não serem visíveis, são indispensáveis para um resultado satisfatório quando se implementa uma mega estrutura, como foi o caso da Arena da Amazônia. Em 2010, no mesmo ano que foi assinada a Matriz de Responsabilidade, foi feito um estudo pelo Instituto Piatam sobre os possíveis impactos que a Arena traria para o meio urbano. Se os resultados obtidos através desse estudo estivessem sido atribuídos aos projetos de desenvolvimento da cidade, possivelmente os objetivos teriam sido alcançados. Diversos problemas apontados no estudo, como assoreamento de corpo hídricos, de fato aconteceram e não tiveram uma justificativa para o ato. Para uma Copa Sustentável, como a FIFA propunha em Manaus, é bastante ambíguo o fato de diversas leis ambientais terem sido flexibilizadas para ampliações urbanas a fim de beneficiar o megaevento.

Observa-se uma grande diferença entre as duas cidades analisadas, uma teve planejamento e suporte para lidar com a responsabilidade de sediar um megaevento, e a outra não estava em diversos aspectos preparada para tal responsabilidade. Deve-se pensar que quando uma cidade é eleita para sediar um megaevento, é preciso analisar a cidade como um todo, não apenas a região que vai ser implantada a estrutura. No caso de Manaus, o impacto seria menor que de Barcelona, uma vez que na cidade seria implantado apenas um estádio, ao contrário de diversos centros esportivos. Atualmente Manaus é uma no total de doze cidades cenário brasileiras que passaram por diversas transformações para se adequar a Copa do Mundo de 2014, que durou um mês. Diversas atrações turísticas, culturais e sociais foram criadas a fim de desviar a atenção da infraestrutura que ficaria de legado. Sete anos depois desse evento, é possível afirmar que toda empolgação e expectativa que o legado seria o início de uma nova era nas capitais brasileiras caiu por terra.

3.CONCLUSÃO

Mais do que um esporte, o futebol na sociedade brasileira está ligado a sua cultura. Desde a década de XX torcedores lotavam as poucas arquibancadas que existiam para apoiar o seu time. A paixão pelo esporte era tanta, que com o passar do tempo não tinha mais espaço para o grande número de espectadores, e assim tornou-se necessário a transmissão dos jogos através do rádio e da televisão. Com o surgimento da Copa do Mundo, o esporte ganhou proporções gigantescas, fazendo com que a população vibrasse junto a cada toque na bola. Os primeiros estádios construídos no país não tinham uma preocupação com o conforto dos seus usuários ou uma qualidade arquitetônica. Apesar de ser considerado o país do futebol, até hoje a maioria dos estádios brasileiros não contam com uma infraestrutura adequada.

A Copa do Mundo de 2014 não foi a primeira em solo brasileiro, em 1950 o Brasil já tinha sediado os jogos da Copa do Mundo. Apesar da experiência, as exigências dos organizadores responsáveis pelo evento mudaram, assim como o número de cidades que deveriam participar. Inicialmente a FIFA queria entre oito a dez capitais brasileiras para sediar os jogos. Essas cidades deveriam ser próximas uma das outras, concentrando mais na região sul e sudeste do país, onde já existia infraestrutura adequada para atender o megaevento. Porém o governo brasileiro fez tamanha pressão para que mais cidades fossem acrescentadas, que a FIFA cedeu e o número passou para doze cidades-sede. A justificativa de ter cidades espalhadas por todo território nacional participando da rota dos jogos, só aumentou o número de gastos que o poder público teria que investir para adequar as cidades e os estádios dentro do padrão FIFA. O resultado desse padrão, instaurado nas cidades-sede, só ajudou a segregar mais ainda uma sociedade.

Ser uma cidade-sede trás consigo uma série de responsabilidades, mas também várias oportunidades, sendo uma delas o legado pós evento. De todos os investimentos feitos durante o preparo para os jogos, o que mais chama atenção são os estádios. No Brasil, os times com maior expressividade estão na região sul e sudeste do país, o que justifica a criação de estádios maiores. Mas em regiões como norte, centro-oeste e nordeste, que não tem times com tamanha expressividade, evidencia um questionamento: o que vai ser dessa mega estrutura após os jogos da Copa? Como ela vai contribuir com a cidade e trazer benefícios para a população? A realidade é que diversos estádios são subutilizados, abandonados pelo poder público, e mensalmente são gastos milhões de reais para sua manutenção. Manaus foi uma de várias cidades brasileiras que passam por essa situação. O exemplo de Barcelona poderia ter sido implantado nas cidades brasileiras, buscando um olhar para o pós evento e as melhorias que ele traria para a cidade. Por fim, é necessário refletir sobre a criação de projetos de replanejamento nas áreas que essas estruturas foram implantadas, buscando inseri-las dentro da realidade local.

4. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Luisa de; RUSCHEL, Andressa Carolina. **Olímpiadas de 1992: O legado para Barcelona/ES**. 5º Simpósio de sustentabilidade e contemporaneidade nas ciências sociais. Junho de 2017. Disponível em <<https://www.fag.edu.br/upload/contemporaneidade/anais/594c069b8a22b.pdf>> Acesso: 05/04/2021

ANDRADE, Rodrigo Fadul. **Preparativos para a Copa do Mundo de 2014 na cidade de Manaus/AM**: Uma abordagem antropológica. Manaus, 2013.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; DIAS, Maria Aparecida; CABRAL, Breno Guilherme de Araújo Tinoco. **Marathon - Notas sobre a representação do esporte moderno**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Esporte e Sociedade Marathon, ano 7, n.19. Março, 2012.

BERNASCONI, José Roberto. **Legados para a infraestrutura**. In: Marcellino (Org), Nelson Carvalho. Legados de Megaeventos Esportivos. Coleção fazer/lazer. Campinas, 2013. p.9 a 18

CALLOIS, Roger. **O jogo e os homens**: a máscara e a vertigem. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CARRERAS, Carlos; TELLO, Rosa. **Aménagement urbain et aménagement stratégique à Barcelone**: internationalization et nouveaux paysages urbains. Collection Petites et grandes villes du Bassin Méditerranéen. École Française de Rome Palais Farneses, 1998.

CASTRO, Demian Garcia; NOVAES, Patrícia Ramos. **Copa do Mundo 2014 e os Impactos do Direto à Moradia**: uma análise das cidades-sede brasileiras. In Júnior, Orlando Alves dos Santos; Gaffney, Christopher; Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz (Org.). Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016.1. ed. - Rio de Janeiro.

CERETO, Marcos Paulo. **Arquitetura de Massa. O caso dos estádios brasileiros**. Porto Alegre, 2003.

CERETO, Marcos Paulo. **Estádios brasileiros de futebol, uma reflexão modernista?**. 5º Seminário Docomomo Brasil – São Carlos, 2003. Disponível: <<https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/101R.pdf>> Acesso: 27/04/2021

COMPANS, Rose. **Intervenções de recuperação de zonas urbanas centrais**: Experiências nacionais e internacionais. In: Empresa Municipal de Urbanização - EMURB- Caminhos para o centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo. São Paulo: PMSP/CEBRAP, 2004, p.23-60.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Cadastro Nacional de Estádios de Futebol**. Rio de Janeiro, 18 janeiro 2016. Disponível: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201601/20160122182359_0.pdf> Acesso: 30/03/2021

COSTA, Francismo. **O futebol na ponta da caneta**. Revista USP. Dossiê Futebol, São Paulo, n.22, p.84-91, jun/ago, 1994.

DA COSTA, Larmatine; MIRAGAYA, Ana. **Estado da arte do conhecimento sobre legados de megaeventos esportivos no exterior e no Brasil**. In: RODRIGUES, R.P. et al. Legados de megaeventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte. Brasília, 2008.

DA MATTA, Roberto et.al. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, 1982.

DA MATTA, Roberto. **Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil**. Antropolítica: revista contemporânea de antropologia e ciência, Niterói, n.14, p.17-39, 2003

FIFA, 2014. **Preços e partidas**. In: Júnior, Orlando Alves dos Santos; Gaffney, Christopher; Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz (Org.). Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016.1. ed. - Rio de Janeiro.

FRANZINI, Fábio. **Futbol, Identidad y ciudadanía en Brasil en los años 30**. Buenos Aires, 1998.

GONÇALVES, Glauco Roberto. **A lógica do “elefante branco” obsolescência programada na Copa de 2014**. Goiânia, 2013.

HERCE, M. **El modelo Barcelona y el marketing de las olimpiadas de Rio de Janeiro**. Biblio 3W. Revistada Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº 895, 2010.

IBGE, 2018. Produto interno bruto dos municípios de Manaus. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>> Acesso: 23/05/2021.

IBGE, 2019. Panorama dos municípios de Manaus. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>> Acesso: 21/05/2021

IGLESIAS, Xavier. **O cenário pós Jogos Olímpicos de Barcelona 1992**. Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha (Universidade de Barcelona). 2010. Disponível em: <http://www.gr.unicamp.br/ceav/revista/content/pdf/Escenario_post_Barcelona92_Iglesias_traduzido.pdf> Acesso: 16/05/2021

JAUHIANEN, Jussi. **Two modernities of Barcelona: some critical aspects of the regeneration of Ciutat Vella**. The European Geographer, pp.40-51, Lisboa, 1994.

LIMA JUNIOR, Pedro de Novais. **Uma estratégia chamada “Planejamento Estratégico”: Deslocamentos espaciais e a atribuição de sentidos na teoria do planejamento urbano**. Rio de Janeiro, 2010

LUCAS, Nathalia. **Inaugurada a Arena do Amazônia**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/inaugurada-arena-da-amazonia-11831793>> Acesso: 23/05/2021

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Legados de Megaeventos: abordagem geral**. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). Legados de megaeventos esportivos.

Coleção fazer/lazer. Campinas, 2013. p. 9 a 18.

MASCARENHAS, Gilmar. **Brasil: Impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas.** in: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos, GAFFNEY, Christopher, RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (org.). **Brasil: Os impactos da copa do mundo 2014 e das olimpíadas 2016.** Rio de Janeiro, 2015

MILLET, Luis. **Los juegos de la ciudad.** In: MORAGAS, M. e BOTELLA, M. (org.) **Las claves del êxito: impactos sociales, deportivos, económicos y comunicativos de Barcelona '92.** Barcelona: Centro de Estudio Olímpicos y del Deporte, pp. 232-249, 1996.

MUXI, Zaida. **Episódios da Transformação Urbana de Barcelona.** ArqTexto 17. Departamento de Arquitetura y PROPAR Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.104-123, 2010.

NARZETTI, Claudiana. **Manaus como cidade-sede da Copa do Mundo de Futebol: memória e acontecimento.** Universidade do Estado do Amazonas (UEA-PPGLA), 2015.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de C. **O estádio de Pacaembu.** Buenos Aires, 1998

OLIVEIRA, Fabricio Leal de, *et al.* **A reforma do estádio do Maracanã para a realização da copa do mundo 2014: Impactos sociais e urbanos.** Belo Horizonte, 2015.

PORTAL DA COPA, 2014. Site do Governo Federal Brasileiro sobre a Copa do Mundo da FIFA de 2014. In: Júnior, Orlando Alves dos Santos; Gaffney, Christopher; Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz (Org.). **Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016.** 1. ed. - Rio de Janeiro

PORTAL G1 - Globo Esportes. **Arena da Amazônia, estadio de Manaus para a copa, é inaugurada.** Disponível em <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/03/arena-da-amazonia-estadio-de-manaus-para-copa-e-inaugurada.html>> Acesso: 23/05/2021

PORTAL G1 - Globo Esportes. **A copa do mundo é nossa.** Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Campeonatos/0,,MUL163196-9790,00.html>> Acesso: 23/05/2021

PORTAL G1 - Globo Esportes. **Maior legado olímpico da história, Barcelona é referência para a Rio 2016.** Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/09/barcelona-maior-legado-o-limpico-da-historia-e-referencia-para-rio-2016.html>> Acesso :16/05/2021

PREFEITURA DE NITERÓI. **Requalificação do Centro de Niterói. Modelos Urbanísticos em outras partes do mundo.** Disponível em <<http://centro.niteroi.rj.gov.br/oprojeto/bonsexemplos.php>> Acesso: 16/05/2021

PRONI, Marcelo Weishaupt; ARAUJO, Lucas Speranza; AMORIM, Ricardo L.C. **Leitura econômica dos Joso Olímpicos: Financiamento, Organização e Resultados**. IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) Texto para discussão Nº 1356. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1533/1/TD_1356.pdf> Acesso: 16/05/2021

QUADRO DE MEDALHAS. **Copa do Mundo de 2014**. Disponível em <<http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-mundo/copa-mundo-2014-cidades-sede.htm>> Acesso: 03/06/2021

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis, 1984

RIBEIRO, Rômulo José da Costa. **Impactos da Copa do Mundo de 2014 em Manaus - AM**. In Júnior, Orlando Alves dos Santos; Gaffney, Christopher; Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz (Org.). **Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. 1. ed. - Rio de Janeiro.

RINALDI, Wilson. **Futebol: Manifestação cultural e ideologização**. Maringá, Revista da Educação Física/UEM, 2000

SNIS, 2019. **Painel Saneamento Brasil: região metropolitana de Manaus**. Disponível em <<https://www.painelsaneamento.org.br/localidade/index?id=131>> Acesso: 21/05/2021

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Megaeventos esportivos e o urbano: A copa do mundo de 2014 e seus impactos nas cidades brasileiras**. Porto Alegre, Revista FSA, 2013

TELLO, Rosa. **Planificación estratégica y recalificación del espacio urbano de Barcelona y Bilbao**. In: CARRERAS, C., JALABERT, G. & THOUZELLIER, L. (orgs). **Villes et territoires: restructurations urbaines**. Toulouse: Presses Univ. Du Mirail, 1993, pp. 103-118.

VIEIRA, Cláudio. **Maracanã - Templo dos deuses brasileiros**. Rio de Janeiro, 2000.

Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>>. Acesso: 07/04/2021

ZANETTI, Valdir Zonta. **Planos e projetos ausentes: desafios e perspectivas da requalificação das áreas centrais de São Paulo**. 2005. 395f Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, São Paulo.

5.ANEXO

5.1 Anexo 1

QUADRO 1 - Matriz de Responsabilidade de Manaus, 2010

Ação	Valor (em R\$ milhões)	Prazo		Responsabilidade	
		Início	Conclusão	Recursos	Execução
Reforma e Ampliação do Terminal de Passageiros do Aeroporto Internacional Eduardo Gomes (1ª Fase) – Total do Projeto: R\$ 327,4 milhões					
Projeto Básico	1,40	Jan/08	Ago/10	Governo Federal (Infraero)	Governo Federal (Infraero)
Licenciamento Ambiental ²	326,00 ³	Ago/10	Fev/11		Governo Estadual (SDS)
Obra		Fev/11	Dez/13		Governo Federal (Infraero)
Terminal Hidroviário de Manaus, restauração, adequação e modernização da área retroportuária, adaptação dos armazéns 3 e 4 para o Terminal Hidroviário de Passageiros, adaptação do armazém 0 para bagagens, recuperação estrutural das pontes e acesos dos dois cais flutuantes, aumento do Cais da Torres, urbanização do pátio para estacionamento e passarela coberta para pedestres – Total do projeto: R\$ 89,4 milhões					
Projeto Básico e Executivo	4,70	Mai/12	Dez/12	Governo Federal	Governo Federal (MT/DNIT)
Licenciamento Ambiental	84,70	Jun/11	Jan/13		Governo Estadual (IPAAM)
Obra		Mar/13	Mai/14		Governo Federal (MT/DNIT)
Telecomunicações, modernização da infraestrutura e serviços e suporte às competições – Valor do projeto: R\$ 371,22 milhões					
Fiscalização e monitoração de equipamentos e radiofrequência, gestão do uso do espectro e segurança de infraestruturas críticas de telecomunicações	171,50	—	Jul/14	Governo Federal	Governo Federal (Anatel)

Ação	Valor (em R\$ milhões)	Prazo		Responsabilidade	
		Início	Conclusão	Recursos	Execução
Implantação de infraestrutura necessária para fornecimento de redes de fibra ótica metropolitana, links satelitais nas estruturas-chave da Copa e ligação via rádio nos campos-base das seleções	200,17	—	Dez/13	Governo Federal	Governo Federal (Telebrás)
Adotar procedimentos para cessão não onerosa, em até 60 dias a partir da data do pedido, do direito de passagem e do uso de servidões, dutos, condutos, torres e postes públicos para implantação da rede para atendimento ao evento	—	—	Set/12	Governos Municipal e Estadual	Governos Municipal e Estadual
Adotar procedimentos para emissão não onerosa, em até 60 dias a partir da data do pedido, de licenças para instalação das redes de telecomunicações que atenderão ao evento	—	—	Set/12	Governos Municipal e Estadual	Governos Municipal e Estadual
Atualização dos normativos necessários para instalação das redes de telecomunicações que atenderão ao evento	—	—	Dez/12	Governos Municipal e Estadual	Governos Municipal e Estadual

Ação	Valor (em R\$ milhões)	Prazo		Responsabilidade	
		Início	Conclusão	Recursos	Execução
Ações de infraestrutura do turismo: Manaus – Valor do projeto: R\$ 8,75 milhões					
Implantação, reforma e adequação de Centros de Atendimento ao Turista (CAT)	6,45	Set/13	Fev/13	Governo Federal (Ministério do Turismo)	Governo Municipal
	0,25			Governo Municipal	
Sinalização nos atrativos turísticos	1,85	Dez/13	Mai/13	Governo Federal (Ministério do Turismo)	Governo Estadual
	0,20			Governo Estadual	
Valor total da Matriz de Responsabilidade: R\$ 2.848,67 milhões					

Quadro: Ribeiro (2015) Fonte: Portal da Copa, 2014.

Siglas utilizadas: SDS - Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas. MT - Ministério dos Transportes. DNIT - Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. IPAAM - Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas.

QUADRO 2 - Matriz de Responsabilidade de Manaus, atualizada em 2013

Reconstrução da Arena da Amazônia – Total previsto: R\$ 1.339,00 milhões					
Empreendimento	Investimento Global previsto (em R\$ milhões)	Financiamento Federal previsto (em R\$ milhões)	Investimento Federal previsto (em R\$ milhões)	Investimento Governo Local previsto (em R\$ milhões)	Investimento iniciativa privada previsto (em R\$ milhões)
Reconstrução da Arena da Amazônia	669,50	400,00	—	269,50	—
Aeroporto Internacional Eduardo Gomes – TPS e sistema viário	445,07	—	445,07	—	—
Terminal hidroviário de Manaus	89,40	—	89,4	—	—
Ações de infraestrutura do Turismo	7,97	—	7,19	0,78	—
Valor Total da Matriz de Responsabilidade: R\$ 1.211,94					

Quadro: Ribeiro (2015) Fonte: Portal da Copa, 2014.